

## Resenha

**O Tempo retorna: formas elementares da pós-modernidade.**  
(MAFFESOLI, Michel. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012)

Tauana Mariana Weinberg JEFFMAN<sup>1</sup>

Michel Maffesoli dá início a sua obra com o capítulo “O *Envolvimentismo* Pós-moderno”, onde explana sobre as mutações e transformações que a sociedade e seus mais diversos âmbitos apresentam nesta pós-modernidade. Maffesoli (grifo do autor) argumenta que tanto os pesquisadores quanto os estudantes universitários devem abandonar seus medos metodológicos, abdicando de um conformismo. Para compreender, de fato, a “vida social”, é preciso “pensar em espiral”. Portanto, se faz necessário atualizar as lentes teóricas e metodológicas para que consigamos visualizar as transformações que nossos objetos apresentam. O medo do novo pode gerar um racionalismo exacerbado, um impulso de enquadrar tudo em moldes já existentes, de explicar o que é explicável, e de denegar o que é enigmático. No entanto, a pós-modernidade privilegia a ambiguidade, a complexidade, o inexplicável. Nesta, encontramos um mosaico de elementos, um *patchwork* de sentidos, que juntos geram significados, mas que fogem à razão iconoclasta.

Ao explicar sobre a “A Altura do Cotidiano”, Maffesoli defende que a primeira característica da pós-modernidade é a vida cotidiana, sendo que, a revolução desta vida cotidiana é a internet; o local onde o cotidiano é vivido, sem as amarras das fronteiras geográficas, onde a relação com os outros, de seu grupo, é gerida de forma particularizada. Assim, é no ciberespaço que a vida cotidiana encontra a sua horizontalidade, auxiliada pelo “desenvolvimento tecnológico”. Neste contexto, Maffesoli acredita que os jornalistas estão em extinção, pois será a própria sociedade que revelará a si, seus fatos e suas notícias. Deste modo, o pesquisador deve estar “à altura do cotidiano”, deve desenvolver sua razão sensível para captar as peculiaridades da vida comum, aperfeiçoando, deste modo, a sua compreensão, levando em consideração a etimologia da palavra: “*cum prehendere*”: “tomar junto”, “viver

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos. E-mail: tauanamwj@hotmail.com.



junto”. Isto é, é preciso participar e sujar-se com as banalidades e especificidades quotidianas, para assim, compreendê-las.

Quando fala em “Climatologia”, Maffesoli afirma que esta “nos ensina a verdade das coisas, no caso a mudança climática é o resultado de todos esses batimentos de asas de borboletas, na essência inaudível, mas cujas consequências estão longe de serem desprezíveis”. Ou como afirma Glenn Packiam: “o simples bater de asas de uma borboleta no oriente, acaba gerando uma inundação no ocidente”<sup>2</sup>. A borboleta é aqui tomada como exemplo, pela sutileza que gera e pela delicadeza de seu movimento ao bater as asas. Assim como o bater de asas da borboleta, as sutilezas da vida também devem ser consideradas, pois podem promover grandes transformações. E nessas sutilezas há uma volta do misticismo, isto é, uma mística que se caracteriza pela “capacidade de vibrar com os outros, de partilhar mitos em comum”.

Na pós-modernidade, o vibrar junto toma novas formas, pois se na modernidade, o indivíduo encerrava-se na “fortaleza de seu espírito”, na pós-modernidade, há uma “epidemia emocional”. Maffesoli (grifo do autor) acredita que as redes sociais na internet, são testemunhas de tal mudança, afirmando: “seja nos *sites* comunitários, nas listas de divulgação, nos ‘blogs’ de discussão e no *Twitter*, pode-se dizer que ‘gorjeia’ uma língua de pássaros em que a razão não está ausente, é claro, mas em que a emoção desempenha um papel primordial”. Em suma, são nas redes sociais, nos sites comunitários, nos *chats* e conversações na internet que partilhamos emoções comuns. Na internet, vibramos juntos porque só “existimos pelo e sob o olhar do outro”.

O mundo vibra junto, mas também se reorganiza em diversos pequenos mundos, ou em tribos, de acordo com Maffesoli. Ao falar sobre “O Desapossamento Tribal”, o autor acredita que na pós-modernidade, os indivíduos são pessoas plurais, isto é, aqueles que pertencem a tribos emocionais e se conectam a elas por meio de laços sociais. Neste tribalismo, segundo o autor, nós nos apropriamos de máscaras para desempenhar os papéis na teatralidade da socialidade. Este indivíduo não é mais uno, pois se transfigura e se *despedaça*, tornando-se fragmentos de si. Dentro de tal perspectiva, Maffesoli (grifo do autor) nota que “o vício das encenações, dos *chats* e dos diversos *sites* de redes sociais é a manifestação por excelência de um despedaçamento desse tipo”. Sendo assim, o indivíduo não possui uma identidade, mas “identificações múltiplas”.

<sup>2</sup> Ver LISBOA, Sérgio. **O efeito borboleta**. Disponível em: <<http://migre.me/biFyF>>. Acesso em: 18 out. 2012.



Sublinha Maffesoli que o fenômeno tribal tem como características “a supremacia sobre um território onde se situa”, o “compartilhamento de um gosto” e a “volta da figura da criança eterna”. A tribo possui um território, que pode ser físico, como um bairro, ou também um local de encontro, um local em comum. Ela define-se pelo compartilhamento de um gosto em comum, ou seja, é preciso apreciar o elemento formador da tribo, para que haja um sentimento de pertencimento, pois “é a partir de emoções, paixões, afetos específicos que vamos, a partir de então, pensar e organizar o elo social”. Algumas vezes, quando nos perguntam: “quem estava no evento?”, nós respondemos: “*todo mundo tava lá*”. Isso se dá porque o grupo que compareceu ao local era o nosso pequeno mundo, ou, o nosso mundo tribal. A eterna criança advém do caráter lúdico da tribo, a vontade de “brincar no lugares”, de nos divertir.

Quando falamos em mundos tribais, logo, pressupõe-se que o mundo deixou de ser uno, e tornou-se também um lugar fragmentado. A unidade do mundo dá lugar à unicidade do mundo, ou seja, ao mosaico. Maffesoli acredita que vivemos “momentos fragmentados”, e que esta fragmentação é desenvolvida pela tecnologia interativa da internet, e assim, percebida em suas redes sociais. Lembrando Gilbert Durand, o autor destaca que “toda a arte do pensador é perceber do que são feitas essas bacias *semânticas*”. Isto é, não se pode recusar o fato de que as redes sociais na internet são, de certo modo, bacias semânticas preenchidas pelos imaginários sociais.

Na pós-modernidade, Maffesoli (grifo do autor) acredita que as coisas possuem uma força irreprimível, sendo que, muitas vezes, “é inútil lutar contra a subida da maré”, e é isso que ele denomina de “*invaginação do sentido*”. O autor entende por “invaginação”, a lógica do regresso, o retorno ao ventre, a volta às nossas origens para a busca do sentido da vida com a busca do sensível. Neste aspecto, Maffesoli sublinha que ao invés de buscarmos esse sentido em um lugar longínquo, de projetarmos nossa felicidade para o futuro, nós agora vivemos a filosofia *Carpe Dien*, aproveitando o hoje, o agora. Sendo assim, o autor compreende que não estamos mais presos a um progressismo, mas sim, estamos entrando em harmonia com “os ritmos, quase fisiológicos, da nossa existência”.

Neste novo compasso da vida, destaca-se o culto ao corpo. Desta forma, Maffesoli acredita que estamos nos “cosmetizando”, onde a cosmética é a “valorização do corpo que adornamos (moda), de que cuidamos (dieta), que construímos (*body building*) e que conservamos (antienvelhecimento)”. Para o autor, há uma “revivência mística” nesta



celebração do corpo, onde nós criamos o nosso cotidiano e nos vestimos, moramos e comemos por meio da criatividade, para dar “existência a mais bela forma”.

Nas palavras de Maffesoli (grifo do autor), na pós-modernidade vivemos um “*materialismo mítico* e um *corporeísmo espiritual*”. Ou seja, nós voltamos a nossa “pulsão primitiva” de nos adornarmos, nos enfeitarmos. E esse impulso é vivido por todos, sem distinção de gênero ou geração. O autor então destaca a época das liquidações, o tempo forte da “celebração da vestimenta”, o momento em que “recebemos as vestes”, compreendendo-a como uma cerimônia que se tornou hábito. E em tal ocasião, cada um escolhe as suas máscaras, ou seja, as suas roupas, suas echarpes, seus *piercings*, seus cortes de cabelo, seu acessórios, a fim de explicar o pertencimento de sua tribo. Assim, o nosso corpo deixa de significar apenas como “meio de trabalho”, e passa a valer por si. Nós o cuidamos, construímos e adornamos. E tal aspecto não significa a individualização do sujeito, mas o contrário, tais esforços são empenhados para o reconhecimento alheio, um reconhecimento no presente, pois sabemos que nosso corpo está condenado à decadência.

Outra característica da pós-modernidade é o nomadismo. Dissertando sobre o nosso “instinto nômade”, Maffesoli (grifo do autor) compreende que estamos nos transformando em pessoas andrógenas, “tendo um *patchwork* de opiniões e vivendo um *turn over* profissional”. Na realidade, vivemos “várias vidas em uma só”. E tal contexto não significa momentos de anarquia, mas sim, de renovação. Ilustrando esta concepção, o autor apresenta-nos exemplos mitológicos, etnológicos e históricos. Assim, a mitologia nos apresenta Dionísio, o deus andrógeno, das festas, das atividades prazerosas, do erotismo e também da ambiguidade sexual.

Por meio do aspecto etnológico, compreendemos que a modernidade prezava pela vida particular, pelo aprisionamento da identidade individual, sendo que, a pulsão nômade da pós-modernidade leva o indivíduo a buscar identificações para além deste limite, buscar outras tribos e outras identificações. Segundo nota Maffesoli diz que “a pluralização da pessoa é o coração vibrante do fenômeno tribal. Seguindo as tribos das quais participamos, vestiremos a máscara adequada e desempenharemos, por consequência, o papel esperado”. Desta forma, também há o “nômade sexual”, aquele que busca um “novo mundo amoroso”, e sua procura é facilitada pela internet. Para Maffesoli, “o sexo no âmbito do aprisionamento conjugal já teve sua época”.



Nas palavras de Maffesoli, o arcadismo é afluído na pós-modernidade, sendo que este se trata do primeiro, antigo, fundamental. Uma volta às questões essenciais da vida. Se os iconoclastas afirmam que a sociedade vive um *desencantamento*, Maffesoli (2012, p. 86), por sua vez, argumenta que presenciamos um *reencantamento* do mundo. O autor cita como exemplo o Twitter, um local onde há conversação, onde trocas são estabelecidas. Onde mais importante que o conteúdo são os laços sociais que se estabelecem. Maffesoli (grifo do autor) acredita que no Twitter, nos vídeo-games, nas *home pages*, há uma “linguagem de pássaros”, ou seja, uma conversa estabelecida por pessoas comuns sobre o seu cotidiano, sendo que esta conversa sobressai à “nuvem filosófica” que dita teorias racionalistas. Assim, o virtual também faz sociedade.

Maffesoli (grifo do autor) argumenta que no ciberespaço “a rebelião do imaginário se manifesta, com esplendor”, por meio de fantasias, de brincadeiras e de fantasmagorias. Sendo assim, “o festivo, o imaginário e o onírico coletivos se tornam as normas do ”cyber”. A imagem, por sua vez, torna-se o que Durand denominou de *mesocosmo*, atuando como ligação, vínculo entre indivíduos, ou “*um mundo do meio*”, onde se “comunga a partilha das imagens eletrônicas”. Neste contexto, o virtual do ciberespaço manifesta o desejo dos indivíduos de “estar junto”, sendo que, “a partir do virtual, o vínculo social é ao mesmo tempo sólido e pontilhado”.

A socialidade que daí emerge é formada por “esse imaginário lúdico ou onírico”, visto que, além de interagir e comungar, a socialidade nas redes sociais nos permite “viver vidas múltiplas”. Para Maffesoli, “através dos pseudônimos, dos papéis desempenhados, de *home pages* verdadeiras ou falsas, cada um se investe de figuras arquetípicas e por aí se inscreve na linhagem, com a concatenação assegurando a permanência da comunidade humana”. O autor compreende, então, que “não é à toa que as pequenas tribos que navegam pela internet usam máscaras, nomes e vestimentas dos cavaleiros de outrora ou das mitologias antigas. O primitivismo está no ar”.

A internet permite “trocas e compartilhamentos de todos os tipos”, e neste contexto, os Flashmobs, isto é, as mobilizações instantâneas, são mencionados por Maffesoli (grifo do autor) como exemplo de fenômenos “altermundialistas”, onde há “difusão das informações, aglomerações frívolas ou sérias”. Outro exemplo de inteligência que advém do coletivo é a Wikipédia, onde o saber não vem do alto, de uma forma vertical, mas sim, de uma base, de uma sabedoria horizontal. O autor acredita que o desenvolvimento tecnológico não está



contribuindo para as solidões, mas ao contrário, está contribuindo para “uma nova ligação: estar, sempre, em contato, em união, em comunhão, ser *atenado*”. Sendo assim, para Maffesoli, “o ‘ciberespaço’ é um laço, de contornos indefinidos, infinitos, onde, de uma forma matricial, se elabora o encontro com o outro, onde se fortalece o corpo social”.

O ciberespaço também permite ao indivíduo encarnar as facetas que deseja, vestindo as máscaras que lhe convém, nos momentos que deseja, e expressando, assim, seus fantasmas. Desta forma, os avatares atuam como “encarnações múltiplas, transformações e acidentes”. Na modernidade, a fragmentação do indivíduo era vista como uma patologia; na pós-modernidade, a fragmentação é uma das suas mais relevantes expressões, pois o indivíduo pode pertencer a diversas tribos, e assim, vestir diversas máscaras momentâneas. Maffesoli (grifo do autor) nota que na socialidade, “é notável a multiplicação de *sites* comunitários” onde percebemos o “desejo de comunhão”. Para o autor, “os sites comunitários, *blogs*, *Orkut*, e outros como o *Twitter* lembram que o reencantamento do mundo está bem ancorado na socialidade pós-moderna. Como as tribos primitivas em torno de seus totens, os internautas contemporâneos se reúnem em torno de seus ídolos específicos”. Neste contexto, Maffesoli (grifo do autor) compreende que a pós-modernidade é a “*sinergia do arcaico e do desenvolvimento tecnológico*. Essa tecnologia que tinha desencantado o mundo está, curiosamente, reencantando-o”.

Por fim, Maffesoli acredita que o cotidiano e o imaginário concernem a pós-modernidade em curso. O cotidiano pode ser compreendido como a maneira da sociedade estar junto é o solo da comunhão. Já o imaginário é esse “céu de ideias”, é o que garante a “coesão do conjunto social”. Gilbert Durand é citado por Maffesoli, pois este afirma que as estruturas antropológicas de Durand mostram como a vida social e a cultura só podem ser entendidas pelo imaginário. Desta forma, compreende o Maffesoli, “se quisermos captar a lógica íntima de um acontecimento, ou de uma série de acontecimentos, talvez seja bom perceber toda a sua carga imaginária, esse luxo noturno da fantasia”. Nesta relação de tecnologia e imaginário, Maffesoli acredita que a pós-modernidade é a época do tecnomágico, enquanto o pré-moderno foi a época do mágico e a modernidade a época do teológico-positivo.

Maffesoli conclui lembrando-nos da metáfora bacia semântica de Durand, onde esta é nutrida por “vários riachos nos flancos das montanhas, que vão constituir uma nova corrente cultural, a que vamos dar um nome e de que vamos concertar os guias antes que eles se



percam de novo no delta e um novo ciclo recomece”. Assim, o autor compreende que o riacho da modernidade conclui-se e que presenciamos o surgimento de um novo riacho: a pós-modernidade.